

O quarto artigo estuda um tema polêmico, aparentemente "sem relevância nos ambientes teológicos da América Latina": *A Virgindade de Maria*. Mas o autor, examinando os argumentos contra a virgindade e também os argumentos a favor, elabora a seguir uma reflexão teológica sobre o tema e situa esta verdade de fé em nossa atualidade.

Segue um estudo sobre "*o culto de Maria na Liturgia*", examinando-o do ponto de vista histórico e teológico, analisando a presença de Maria nas celebrações atuais da liturgia romana e concluindo com orientações teológico-pastorais.

O artigo seguinte, breve, lembrando que a Mãe de Deus não poderia ser deixada à margem da "ortopraxis" do povo de Deus, estuda "*a bem-aventurada Virgem Maria no Código de Direito Canônico*".

Tema também de atualidade e de renovado interesse popular, é o das "*Aparições de Maria*", apresentado no grande contexto da revelação bíblico-cristã e fazendo referência às diretrizes do Magistério.

O penúltimo artigo analisa, "a partir do feminino, o papel de Maria enquanto protótipo e arquétipo para uma antropologia humanocêntrica". É "uma tentativa de resgatar para o feminino a sua função de gerador de vida, na ótica e na perspectiva da mariologia." Para o autor, "*o feminino e a maternidade, tal como se realizam em Maria, são a saída para o racionalismo fechado e egoísta do mundo de hoje.*"

"*Maria: Mãe ou membro da Igreja*", eis o dilema enfrentado pelo último estudo destes nossos ENCONTROS TEOLÓGICOS. O autor expõe as duas tendências mariológicas constatadas no Vaticano II, fazendo ver as limitações de cada uma delas. Por

fim, expondo o círculo hermenêutico mariológico, resolve o dilema não numa disjunção, mas, como em tantas outras realidades, numa conjunção: Maria é Mãe e é também membro da Igreja, e vice-versa.

Ao entregar este 4º número de nossa revista ao(a) leitor(a), cremos poder fazer nossas as palavras finais da encíclica "Redemptoris Mater": "À medida que a Igreja se vai aproximando, juntamente com toda a humanidade, da fronteira entre os dois milênios, ela por sua parte, com toda a comunidade dos que acreditam em Deus e em comunhão com todos os homens de boa vontade, aceita o grande desafio que se encerra nas palavras da antífona sobre o 'povo que cai e anela por erguer-se'; e, conjuntamente, dirige-se ao Redentor e a sua Mãe com a invocação: 'Socorrei!'. Com efeito, a mesma Igreja vê — atesta-o esta oração litúrgica — a bem-aventurada Mãe de Deus no mistério salvífico de Cristo e no seu próprio mistério; vê-a radicada profundamente na história da humanidade, na eterna vocação do homem, segundo o desígnio providencial que Deus predispôs eternamente para ele; vê-a presente como Mãe e a participar nos múltiplos e complexos problemas que *hoje* acompanham a vida das pessoas individualmente, das famílias e das nações; vê-a como auxílio do povo cristão, na luta incessante entre o bem e o mal, para que 'não caia ou, se caiu, para que 'se erga'."

O que o Papa diz da Igreja universal vale igualmente, ipso facto, para nossas igrejas particulares em Santa Catarina. Possam nossas Igrejas, pela intercessão de Maria, encontrar sempre, nas suas quedas, a graça e a coragem de se reerguerem, continuando perseverantes a sua caminhada.

A DIREÇÃO

ENCONTROS
TEOLÓGICOS

REVISTA DO
INSTITUTO
TEOLÓGICO DE
SANTA CATARINA

NÚMEROS MONOGRÁFICOS

Nº 4: No Ano Mariano, Maria

EDITOR: Diretoria do ITESC

Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 476

Caixa Postal 5041

88041 — FLORIANÓPOLIS — SC

ENCONTROS TEOLÓGICOS

quer ser um contributo à reflexão da Igreja em
Santa Catarina

AVE, MARIA DE DEUS, COMPANHEIRA DE CAMINHADA

Pe. Hélcion Ribeiro

Professor de Missiologia — SP

1. Um povo marcado

Contradições inúmeras marcam e acirram a caminhada do povo catarina entre os catarinenses, sobretudo neste final de século. Empobrecemos nossos índios, diminuindo-os sem permitir que eles se cruzassem conosco, matando-os para que os carijós, kainkangues e xoklengs não nos pudessem denunciar. Marginalizamos nossos negros, isolando-os nos morros da Capital, escondendo-os nas minas de carvão, envergonhando-os de dizerem que sua presença em SC ultrapassa a 2% de nossa gente (lembramos que no século passado só os escravos chegaram a ser 24,5% da população). Na geopolítica da última ditadura, avultou-se o êxodo rural inter e intra-estadual; nossos agricultores pobres se foram, atraídos pelas promessas de um "el dorado" que inexistia ou perderam suas terras, indo morar nas periferias de nossas cidades. Os caboclos não conseguem entender nossas escolas, nosso sistema comercial, religioso e cultural de brancos europeizados. Os mineiros do Sul mancham com seu sangue envelhecido o chão de seus pais, por causa da crescente poluição ambiental. Pescadores artesanais se tornam homens-sem-mares como se fossem sem estômagos também. Menores carentes pulu-

A edição deste número de ENCONTROS TEOLÓGICOS contou com o apoio do Governo do Estado, através da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina.

lam por aí com maior freqüência. Agricultores do Oeste vão se escravizando nos chamados "sistemas integrados", renunciando à liberdade de plantar e colher para viver e sobreviver.

A vida urbana não se degenerou em SC porque, na prática, entre nós ela ainda não começou a existir. Todavia é verdade que a vida urbana catarinense vem se criando a um nível sofrível, isto em termos de infra-estrutura de moradia, esgotos, empregos, transporte, etc.

A identidade catarinense não existe porque vivemos trabalhando muito — em função de outros. Numa palavra, as últimas décadas têm feito de nosso povo uma gente sofrida, uma gente catarina. As contradições vêm se acirrando. E nelas cresce um processo de diferenciação social. Processo esse que evidencia o enriquecimento vultoso de uns e o empobrecimento de milhares de outros; e que se evidencia na negação da própria história e solidariedade de alguns que puderam aproveitar o bem público dos bancos escolares e/ou o clientelismo governamental.

É verdade que nos últimos anos tem havido melhorias públicas em termos de eletrificação, estradas rodoviárias, aumento fisiológico de escolarização, regulamentação mínima do trabalho, incentivo à agricultura de exportação, acesso à mentalidade consumista, transplante massificante de cultura televisada, etc.

A gente catarinense, em resumo, se modificou, criando distâncias maiores entre uns poucos bem-aquinhoados e muitos crescentemente famintos.

Também — e conseqüentemente — a vida religiosa de nossos homens e mulheres se modificou. Mudanças advindas do interior das igrejas que os têm como fiéis e mudanças produzidas por esses fiéis no interior de suas igrejas. O uniformismo religioso passou a dar lugar a uma pluralidade de formas cristãs que chegam por vezes a ser incompreensivelmente contraditórias entre si. Ontologicamente não existe diferenças entre batizados, sejam ricos ou pobres, luteranos ou católicos. Mas a grande diferença se faz a nível do vivencial. E aqui, sobretudo, na prática cristã, no modo do cristão se relacionar com os irmãos de fé e de caminhada e no agir transformador do mundo.

É notória na igreja católica a decadência de um tipo de cristão de missas dominicais completadas com semanas pagãs. Surgem novas forças que ultrapassam tais comportamentos. Mesmo os Movimentos — que tiveram seu apogeu na década de 70 — que procuraram se "aggiornar" em orientações conciliares e na teologia e espiritualidade de movimentos de além-mar, não têm sido mais suficientes. Houve uma certa efervescência, a ponto de, em alguns casos, se chegar a parodiar "fora de tal Movimento não existe salvação". Essa vivência religiosa foi caracterizada por uma ênfase no estudo (leitura bíblica, mas de tipo texto sem contexto), na piedade (oração, muita freqüência à missa e aos sacramentos, visitas ao Santíssimo e terços) e na ação (assistencialista = dar aos pobres). Houve uma intensificação da vida de piedade, com significativas conversões. Convém ainda — como registro de memória apenas — assinalar a polêmica entrada do movimento carismático na década de 80, também em certos meios catarinenses. . .

2. A entrada dos pobres na Igreja e Maria

Por outro lado, desde 72, pelo estímulo da Assembléia dos Bispos do Regional Sul 4, foi-se preparando a entrada dos pobres na Igreja, o que efetivamente passou a ocorrer na década de 80, isto através dos Grupos de Família ou Reflexão, CEBs, jovens de meios específicos, CPT, CPO, pastoral da saúde e inúmeros outros serviços populares. Uma outra espiritualidade começou a surgir. A Bíblia tem sido a fonte inspiradora fundamental: é lida e atualizada; tornou-se um livro paradigmático, como o é na realidade para a Igreja. Novas formas de culto apareceram. As orações se misturaram com a vida diária. A ação apostólica deixou

de ter marcas paternalistas para buscar novos caminhos de promoção e libertação. A religiosidade deixou de ser centrada no cultico, com seus sacramentos, e passou para a vida e luta diárias de cada crente. Tal postura abriu novas perspectivas cristãs. E, de modo intuitivo, junto com alguns de seus pastores e agentes de pastoral, se está construindo uma igreja dos homens e mulheres de Deus. Recuperam-se os dois eixos maiores da história: o Reino e o Mundo, onde a Igreja aparece como servidora maior.

Esta reviravolta eclesiológica incide na postura frente à mariologia.

Esta reviravolta eclesiológica incide na postura frente à mariologia. No pós-concílio, a reflexão e o culto marianos entraram em certa decadência. Têm ressurgido, contudo, nos últimos tempos, inclusive com bastante força. Apesar dos documentos papais (Marialis cultus, de Paulo VI, e Redemptoris Mater, de João Paulo II), as motivações populares parecem ser outras. Ou melhor, no fundo parecem ser saudades de Maria.

Maria, a mãe de Deus e nossa, é fundamental na caminhada dos cristãos. E agora começa-se a reencontrar o lugar dela na espiritualidade de nossa gente. A meu modo de ver são basicamente três as atitudes católicas que se vem adotando em SC em relação a ela.

3.1. Da nostalgia à outra devoção

A nostalgia duma Igreja com seus santos estabelecidos, com a Virgem impávida nos céus e pura na terra, como nos tempos antigos, voltou acriticamente em muitas de nossas igrejas. A devoção permaneceu no mesmo plano pré-conciliar. Ela, Maria, se sobrepõe a toda a miséria humana deste vale de lágrimas onde nós, os filhos, gememos e choramos. A ela bradamos, pois é nossa esperança e nossa doçura, elevada aos céus, isenta de todo pecado, rainha e senhora nossa. A ela nossos louvores, nossas preces e promessas; a ela nossas festas litúrgico-populares — que rendem dinheiro para os cofres paroquiais (obrigado, Mãe Santíssima!). Ela é a Mãe de Jesus, virgem sem pecado concebida, a mais santa criatura.

Nos últimos tempos surge um outro impulso mariológico, que vai inclusive determinando e reavivando uma fé espiritualista de inúmeros catarinenses, particularmente dentro de certas classes sociais melhor aquinhoadas. Inclusive aqui surge uma mentalidade restauracionista das aparições de N. S: — e se tem querido fazê-la passar para os pobres. Esta mentalidade, veiculada também por MCS, enfatizam aparições em diversos lugares: assim ela teria aparecido mais de duzentas vezes no Paraguai; também no interior gaúcho estava programada uma aparição dela para o domingo da Páscoa/88 e a TV Globo estava lá com todo o seu equipamento. Evidentemente, ninguém tem o direito de proibir (ou fazer) os aparecimentos de Maria. Mas, será que ela aparece tanto assim? Curioso é que Jesus não aparece tanto. . . e porque N. S: "gosta" ultimamente de aparecer para falar de comunismo, vida individualista, pecado pessoal, sem abordar a "coisa" a partir dos pobres como ela canta em seu Magnificat? E por que ela aparece só aos "puros" (crianças, jovens castos, virgens), e não aos casados — pais ou mães de família? Também não costuma aparecer aos altos hierarcas da Igreja! É claro que o Deus Trindade pode fazê-la aparecer a quem Ele bem quiser, onde quiser e como quiser. E a aparição de Maria, quando ocorre, tem sido sempre cheia de solicitude para com o mundo contemporâneo de então, expressando a vontade divina frente às inquietudes. A Igreja, por sua vez, tem autorizado oficialmente o culto especial a Maria em alguns lugares, permitindo aceitar como

razoáveis e autênticas certas aparições, tais como a de Catarina Labouré (1830), de La Salette (1846), de Lourdes (1858), de Pontmain (1871), de Fátima (1917), de Beauraing (1932) e de Banneux (1933).

Dadas estas situações que evidenciam revelações particulares, que em nada contradizem à fé e aos bons costumes, a Igreja permite adesão prudente e piedosa da fé humana. Renova-se, então, o amor a Maria, não porque ela "apareceu" aqui ou ali (em Curitiba ou Medjugorje), mas porque se está chamando atenção para o plano de Deus nas realidades humanas, através da solicitude da mãe.

Por outro lado, ignorar Maria na caminhada de fé é desconhecer o Evangelho

Uma onda mariana à base de aparições, pode resultar tão pouco para a fé cristã co-responsável pela construção do mundo de Deus, visando à superação de contradições nossas enquanto irmãos entre nós e filhos, inclusive, de Maria! Alimentar uma "mariolatria" (atribuir subliminarmente um culto a Maria que só é devido a Cristo) é não só um desserviço à Igreja Católica, à causa ecumênica dos cristãos, como também uma ofensa à própria Mãe de Deus e Mãe nossa. Por outro lado, ignorar Maria na caminhada de fé é desconhecer o Evangelho e menosprezar o Plano Salvífico de Deus, coisa que a cada dia até mesmo cristãos não-católicos vão compreendendo mais e mais.

Maria tem um papel singular na Igreja de Jesus, porque ela não só exemplifica concreta e idealmente o seguimento do Senhor, mas também, por ser figura da Igreja, na ordem da fé, caridade e união com Cristo, por ser a virgem que acreditou, como serva fiel e como Mãe obediente.

3.2. — Da "Maria dos negros" aos negros sem Maria, até Maria ser "uma das nossas".

A terceira atitude na devoção marial começa a aparecer exatamente na Igreja que nasce entre os pobres, na Igreja da base. Sem deixar de ter seu papel próprio, Maria é assumida como companheira (Paulo VI chamou-a de nossa irmã). Ela não é mais em primeiro lugar a N. S.ª distante, mas a mulher do Magnificat, a companheira dos pobres, que conhece suas agruras e por isso mesmo o povo canta convidando-a:

"Oh, vem conosco, vem caminhar,

Santa Maria, vem. . ."

Mas na cantoria popular ou na oficial, a gente toda vai saudar esta "Mãe do Céu morena. . . de cor igual à cor de tantas raças", pedindo-lhe "liberta os filhos teus". E com Maria, também se tem a certeza de que "Virá o dia em que todos / ao levantar a vista / veremos nesta terra / reinar a liberdade". Apesar de toda luta e dificuldade "eu canto, louvando Maria minha mãe / a ela um eterno obrigado direi / Foi ela quem me ensinou a viver. . . foi ela quem me ensinou a sofrer". E sem dúvida a lição não foi para ficar quieto e parado, pois a Maria canta ainda nosso povo: "Maria da libertação / filha do povo oprimido / filha do povo saído / da primeira escravidão. . . Comadre de Nazaré / companheira de José / lavrador sem terra certa / ganho pouco e terra incerta. . . olha com carinho / o teu povo caído / na nova dominação"!

O Ano Mariano vai indo e reunindo certas memórias. Tornar-se-á mais irmã dos pobres, mais "recadeira" de alguns ou mais Senhora de outros? Que renovação terá havido em SC neste ano? Renovar é preciso. Renovar com responsabilidade e respeito, pois nossa história mariana tem lembranças doloridas. Ponho

exemplo: os negros tinham em Lages, desde o século passado, sua capela dedicada a N. S.ª do Rosário. Eram da santa deles as alfaías, os cálices, a Igreja e a própria santa. Veio a romanização e quis promover a Virgem dos negros. Mandou-se-lhe edificar outra Igreja, maior, mais rica, mais distante deles. Mas a Igreja nova não era mais deles, virou sede de paróquia. E os negros ficaram sem sua Mãe, sem a companheira; também eles ficaram na rua. Alguém quis, mas não soube renovar nem respeitar. . . e não mais se ouviu "Negra Mariana chama pra enfeitar o andar porta-estandarte para ostentar / a Imagem aparecida em sua escravidão / com o rosto dos pequenos / cor de quem é irmão".

Contudo, por outros caminhos, os pobres do meio popular vão dando à Virgem novos títulos que vão glorificá-la por se tratar da Senhora de suas outras lutas. "Mãe da união", "Maria do nosso chão", "Companheira de luta", "Mãe latino-americana", "Maria do povo", "Maria mulher", "Maria da esperança", "Seguidora de Jesus", "Patrona dos pequenos e oprimidos". E novas súplicas são postas nos lábios de seus filhos que ainda continuam a lhe rezar "rogai por nós agora e na hora de nossa morte". E os pedidos vão surgindo em coro: "ensina a quem tem tudo, a partilhar", "ensina que a justiça é condição de construir um mundo mais irmão", "reforça os laços da gente e liberta da opressão", "dá hoje o pão amassado na mesa da libertação", "Mãe do bóia-fria, rogai por nós. . . mãe dos operários, dos sem-salários, rogai por nós".

A iconografia e a imaginária populares em SC vão preferindo uma Maria mulher do povo, vestida como povo, mas todos a identificam como mulher diferente, diferente porque lutadora também, que vem em nome de Deus.

Esta nova imagem de Maria, no entanto, não se manifesta ainda na estrutura fisiológica de nossa Igreja catarinense. Antes, pelo contrário. Assim, quem fizer uma sociologia mariana vai perceber que das 288 paróquias atuais, 87 estão dedicadas a N. S.ª. Todas as dioceses têm de 6 a 19 paróquias marianas. Na diocese de Lages, onde exatamente o machismo é mais forte, mais de 50% das paróquias são marianas.

As invocações também apresentam, em termos de paróquia, um dado curioso: 27 delas honram-na com um título celeste (p. ex.: Rainha, Assunção, da Glória), 28 apresentam-na humanizada (das Dores, da Saúde, mãe dos homens), 19 acenam a situações geográficas (Fátima, Caravaggio, Lourdes). As maiores incidências estão como Imaculada Conceição (ou N. S.ª da Conceição): 15 paróquias; Aparecida e das Graças com 7 paróquias cada uma e Fátima: 5 paróquias.

Curioso é que nenhuma das paróquias catarinenses estejam sob a proteção da padroeira latino-americana: N. S.ª de Guadalupe (será que nós realmente não nos voltamos para os problemas desta América sofrida, mas tão-somente para Alemanha, França e Itália?). Nenhuma também como Mãe da Igreja, último título oficial dado pelo Papa Paulo VI.

Todos os títulos marianos de nossas paróquias mantêm notória fidelidade aos da ortodoxia, apesar da estranheza que algum possa causar hoje, como exemplo: dos Prazeres; ou como conta uma certa tradição, o de N. S.ª dos Baguais, que a romanização teria feito cassar.

Dos quatro dogmas marianos, apenas dois emprestam titulação às paróquias: o da Imaculada (dogma de 8.12.1854) e da Assunção (1.º 11.1950). Os outros dois — Maria mãe de Deus (ano 431) e Maria sempre Virgem (ano 640) — não mereceram nenhuma referência titular.

Estes dados (87 paróquias marianas) se tornam mais curiosos na contraposição de apenas 28 igrejas matrizes dedicadas a Jesus Cristo (Bom Jesus: 11, Sagrado Coração: 10, Cristo Rei, etc.), a São João Batista (16 igrejas), Santo Antônio e São Sebastião (12 a cada um), São José (10) e os diversos apóstolos (10 também). Interessante ainda seria um levantamento análogo de todas as 4.545 capelas/comunidades no Estado barriga-verde. Nota-se ain-

da, a nível sociológico, uma crescente devoção a N. S: Aparecida, sobretudo a nível familiar. Em termos de santuários, é pouco significativa a devoção, salvo a de Azambuja, cuja festa vem crescendo anualmente, a ponto de ser caracterizada como a maior festa religiosa do Estado.

Seria longo enumerar aqui as múltiplas devoções a Maria em SC, com todas as suas expressões artísticas e populares,

Seria longo enumerar aqui as múltiplas devoções a Maria em SC, com todas as suas expressões artísticas e populares, leigas e "oficiais", nas capelas, igrejas, comunidades e lares, através de terços, novenas, altarcinhos, estatuetas, escapulários e promessas.

4. Outro jeito de amar Maria

Como todo o mundo, a Igreja também está marcada por influências culturais, econômicas e políticas. No caso eclesial é preciso ser ingênuo para não perceber que também posturas religiosas dependem de pessoas, lugares e dos tempos. As evoluções são todas históricas e historicizadas, e no caso não se sobrepõem as epocalidades. A devoção mariana também incorre neste processo. As verdades mariológicas permanecem todas; todavia a ênfase que lhes são devidas hoje as tornam pastoralmente mais relativas. Assim hoje ninguém mais discute se ela é Mãe de Deus ou Mãe de Cristo (discussão muito importante no Concílio de Éfeso, em 431). Apesar da importância de seu papel na história da salvação, nós a queremos como Mãe e Companheira de nossa libertação, até a libertação definitiva (salvação). "Ela é das nossas"! Deveremos ter o direito de proclamar: sendo do céu, ela é da terra também.

Como ela somos seguidores de Jesus. E como ela, vemos nossos irmãos sendo crucificados pelo baixo salário, pelo desemprego e subemprego freqüentes, pela escolarização alienante, pelo clientelismo político ou social. Com ela, vemos os pobres aumentarem quase impacientes ao redor de seu Filho, pedindo o pão para sua fome, e cura de seus males e a palavra-gesto que os liberta e salva. Com ela, vamos suplicar que o Senhor tenha pena desse povo. Mas com ela seremos ativos, para que não falte o vinho para a festa, pois a nós compete providenciá-lo; que não falte quem assuma a presença de Deus entre os homens, pois a nós cabe dizer o "sim"; que não falte em nós a fidelidade ao Senhor, pois a nós cabe ser "servos do Senhor". Com ela dar-nos-emos à oração. É preciso reconhecer que, em meio a todos os males, ainda há espaço para as maravilhas que Deus faz por nós e nos cabe agradecer-lhe, pois a bondade de Deus perdura para sempre, mesmo que ainda isto não aconteça com a nossa. Com ela é preciso acreditar que Deus quer exaltar os humilhados e cobrir de bênçãos os famintos, derrubando poderosos de seus tronos e despedindo ricos de mãos vazias. Com ela é preciso procurar os filhos extraviados, mesmo que não estejam ocupados com as coisas do Pai e/ou recebê-los moribundos nos braços, esperando que revivam ou ao menos crendo que eles ressuscitarão. Por tudo isso, é preciso, com ela, estar com as "Isabéis" da vida, nos lugares sem hospedagem, nas esquinas e ruas onde os filhos podem parecer loucos e nos cenáculos onde se insiste na nova presença de Deus, ou ainda nos templos apresentando a oferta purificatória dos pobres; mas sobretudo na expectativa da grande libertação, como ela nos ensinou em seu Magnificat.

A renovação marial não está atingindo toda a nossa gente. Uma criatividade nova nos desafia. É preciso que a renovação da espiritualidade prática atinja a todos num novo processo evan-

gelizador. E aí Maria será encontrada em seu lugar dentro da nossa fé comunitária, assim como na renovação eclesial que em certos níveis vem ocorrendo de verdade.

Enquanto isso, cristãos pobres que estão entrando, de verdade, em nossas Igrejas-vivas cheias de alegria/esperança, de dores/redenção, de amores/utopia, precisam encontrar sempre Maria, "a bem-aventurada porque acreditou", a "Mãe de Deus e Mãe nossa", e por isso é preciso abrir confiantemente espaço para eles se identificarem com "Maria do Caminho", a mulher forte que inspira a certeza da presença de Deus.

A piedade popular catarina vai se escrevendo nova porque Maria vai sendo humanizada outra vez, mesmo sem deixar de ser a "eleita do Senhor". Nas romarias, nas procissões, nos slogans de caminhadas, nos Grupos de Reflexão ou de Família, nas CEBs, ela tem tido seu lugar seguro. Na ambigüidade do silêncio/profecia, do anúncio/denúncia, Maria é presença catalizadora de nossos anseios na defesa dos pobres, dos pequenos. São nossos índios (hoje tão apoucados, menos de 4.500), nossos caboclos (no oeste catarinense chegam a ser 24% da população; em algumas paróquias da serra eles são 80%), nossos operários e desempregados, nossas mulheres, nossos agricultores sem-terra, nossos pescadores sem-mar, que continuam a tê-la com orgulho maior, por começarem a perceber que, se Maria é do Céu, ela também é da terra; ela é Maria em que se confia e que está no meio de sua gente para assegurar-lhe que Deus está olhando a humilhação desta gente. E certamente esta piedade popular nova na cidade e no campo catarinenses vai desafiar as outras piedades que se voltam para o céu. E finalmente nossa gente formando essa Igreja, povo de Deus, vai poder saudá-la com carinho novo: "Ave Maria de Deus, Companheira de jornada"!

Endereço do Autor:
Faculdade de Teologia N. S: da Assunção
Av. Nazaré, 993 — Ipiranga
04263 — São Paulo — SP

MARIA, MÃE DA LIBERTAÇÃO

Pe. Agenor Brighenti
Professor de Moral Social

Qualquer pessoa, religiosa ou a-religiosa, que fizer uma viagem pelos países da América Latina, perceberá obrigatoriamente que uma das características mais peculiares da Igreja latino-americana é a devoção a Maria. A piedade mariana pertence à identidade própria destes povos. Em cada país encontramos um ou mais santuários ou basílicas a ela dedicados, venerada sob diversos títulos. No México é Guadalupe; na Colômbia, Chiquinquirá; na Venezuela, Coromoto; no Equador, El Quinche; no Peru, Cocharcas; na Bolívia, Copacabana; no Chile, Andacollo; na Argentina, Luján; no Paraguai, Caacupé; no Brasil, Aparecida; etc.

A piedade mariana é tão intensa na prática do catolicismo latino-americano que um dos problemas com relação à mariologia popular é o da denominada "mariolatria". Muitos se perguntam até que ponto Maria não aparece ao povo superior a Jesus Cristo ou como uma deusa feminina ao lado de Deus?

Porém, quem conhece a vida de fé de nosso povo sabe que não existe qualquer heresia com relação à piedade mariana. Claro, como em outros aspectos, essa devoção precisa de uma profunda evangelização⁽¹⁾, que faça com que essa piedade se esclareça, supere individualismos estreitos e se vincule mais ao mistério da salvação na história. Não pode ser genuína a devoção a Maria que se limite à busca de favores egoístas ou que se dispense